



DEUS, UMA TRAVESTI NEGRA E INDÍGENA: RASCUNHOS DE UMA EPISTEMOLOGIA *QUEER**

Guilherme Almeida de Lima  [0000-0002-6114-4652](https://orcid.org/0000-0002-6114-4652)

Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO), Guarapuava, Brasil

Resumo

Este artigo discute a gênese do modo de produção de conhecimento que incide sobre os corpos, gêneros e subjetividades, sob um parâmetro filosófico, teológico, epistemológico e político, desafiando a hegemonia do discurso científico positivista e oferecendo uma abordagem ético-política que se articula com os movimentos decoloniais e as epistemologias do sul global. O presente estudo de caráter exploratório, descritivo e de natureza bibliográfica, explora horizontes de pensamentos que buscam uma produção de conhecimento descentralizada do discurso hegemônico, propondo os rascunhos de uma epistemologia *queer*, que valoriza os saberes subversivos e marginais na produção de conhecimento, rompendo com paradigmas lógico-positivistas, anátomo-clínicos e biomédicos. Os resultados apontam para a necessidade de uma subversão radical dos sistemas discursivos dominantes, abrindo espaço para discursos que resgatem cosmovisões ancestrais silenciados ao longo da história, defendendo a descolonização do conhecimento e a valorização da pluralidade mística e teológica, desafiando visões tradicionais e hegemônicas da divindade. A epistemologia *queer* representa a possibilidade de transformar o conhecimento hegemônico em um conhecimento plural e diverso, questionando as relações de poder que configuram o conhecimento, apontando para a necessidade de novas abordagens epistêmicas e modos de subjetivação, promovendo a pluralidade e o reconhecimento das vozes subterrâneas na construção do saber.

Palavras-chave

Epistemologia; teoria *queer*; decolonialidade; teoria crítica.

GOD, A BLACK AND INDIGENOUS TRANSVESTITE: DRAFTS OF A *QUEER* EPISTEMOLOGY

Abstract

This article discusses the genesis of the mode of knowledge production that focuses on bodies, genders and subjectivities, under a philosophical, theological, epistemological and political parameter, challenging the hegemony of positivist scientific discourse and offering an ethical-political approach that is articulated with decolonial movements and epistemologies of the global south. This exploratory, descriptive and bibliographical study explores horizons of thought that seek to produce knowledge that is decentralized from the hegemonic discourse, proposing drafts of a queer epistemology that values subversive and marginal knowledge in the production of knowledge, breaking with logical-positivist, anatomo-clinical and biomedical paradigms. The results point to the need for a radical subversion of dominant discursive systems, opening up space for discourses that rescue ancestral worldviews that have been silenced throughout history, defending the decolonization of knowledge and the valorization of mystical and theological plurality, challenging traditional and hegemonic visions of divinity. Queer epistemology represents the possibility of transforming hegemonic knowledge into plural and diverse knowledge, questioning the power relations that shape knowledge, pointing to the need for new epistemic approaches and modes of subjectivation, promoting plurality and the recognition of underground voices in the construction of knowledge.

Keywords

Epistemology; queer theory; decoloniality; critical theory.

Submetido em: 30/10/2023
Aceito em: 31/01/2024

Como citar: LIMA, Guilherme Almeida de. Deus, uma travesti negra e indígena: rascunhos de uma epistemologia *queer*. *(des)troços: revista de pensamento radical*, Belo Horizonte, v. 4, n. 2, p. e48618, jul./dez. 2023.



Este trabalho está licenciado sob uma licença *Creative Commons Attribution 4.0*.

* O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001 e ERASMUS+ (European Region Action Scheme for the Mobility of University Students).

1. Introdução

Àquelas de nós cuja existência social é matizada pelo terror; àquelas de nós para quem a paz nunca foi uma opção; àquelas de nós que fomos feitas entre apocalipses, filhas do fim do mundo, herdeiras malditas de uma guerra forjada contra e à revelia de nós; àquelas de nós cujas dores confluem como rios a esconder-se na terra; àquelas de nós que olhamos de perto a rachadura do mundo, e que nos recusamos a existir como se ele não tivesse quebrado: eles virão para nos matar, porque não sabem que somos imorríveis. Não sabem que nossas vidas impossíveis se manifestam umas nas outras. Sim, eles nos despedaçarão, porque não sabem que, uma vez aos pedaços, nós nos espalharemos. Não como povo, mas como peste: no cerne mesmo do mundo, e contra ele.
[Jota Mombaça]

O presente artigo é resultado de uma apresentação cultural e artística, realizada em forma de ensaio, na disciplina denominada *"The Impact of Religions and Value System in European Culture"*, como atividade parcial do estágio de mestrado sanduíche do presente autor, realizado na *Katholische Privat-Universität Linz (KU LINZ)*, Áustria. O título do ensaio *If God is dead and the father was murdered: is God a woman? A psychoanalytic question*, foi apresentado pelo autor no semestre de inverno, especificamente em janeiro de 2023, na presente universidade, o qual culminou nos resultados expostos no presente artigo.

A presente investigação, portanto, se contorna a partir de algumas reverberações filosóficas, teológicas, epistemológicas e políticas no contexto da produção do conhecimento sobre o corpo, sexualidade, gênero e das subjetividades *queer*, se revelando como um ato de subversão discursiva ao modo imperativo do saber-poder cientificista, positivista, colonialista, eurocentrado e capitalista: esse artigo é um manifesto ético-político ao modo de produção de conhecimento oriundo da ciência branca e burguesa.

A premissa elementar que costura os fios temáticos desse manifesto surge a partir de algumas concepções teóricas que subverteram a atmosfera intelectual nos últimos séculos, como por exemplo: a concepção teológica de que deus está morto, em Nietzsche;¹ psicanalítica, com o assassinato do pai da horda primeva em Sigmund Freud;² sociológica, com o declínio do poder centralizador do patriarcado a partir da ascensão dos movimentos feministas no século XIX;³ histórica, com o movimento decolonial a partir das epistemologias do sul global;⁴ política, a partir das críticas ao neoliberalismo

¹ NIETZSCHE, *A gaia ciência*.

² FREUD, *Totem e tabu*.

³ BEAUVOIR, *O segundo sexo*.

⁴ SANTOS, *Epistemologias do sul*.

econômico;⁵ epistemológica, com o resgate dos saberes ancestrais oprimidos ao longo da história;⁶ e estética, com as novas configurações de expressão do corpo e do desejo sob um viés ético-artístico e menos jurídico-econômico.⁷

O artigo possui um caráter metodológico exploratório e descritivo e de natureza bibliográfica, a partir de alguns horizontes de pensamentos que inauguram um novo modo de produção de conhecimento, situado em um campo de estudos pertencentes aos movimentos decoloniais, a partir dos saberes das epistemologias do sul global. O texto propõe, portanto, uma aposta em novas formas de produção de conhecimento, descentralizadas do discurso dominante. É nesse contexto que emerge os rascunhos de uma epistemologia *queer*, ou seja, uma possibilidade de produção de conhecimento desarticulado da lógica hegemônica do paradigma lógico-positivista e do paradigma biomédico, valorizando, por outro ângulo, as experiências subversivas e marginais de ser no mundo: saberes silenciados, ocultados e assassinados ao longo da história por não se enquadrarem em um modelo científico-econômico de produção de saberes.

O artigo convoca àquele que lê a incorporar modos alternativos de subjetivação do conhecimento, e a trilhar caminhos até então desconhecidos, subterrâneos, marginalizados e sujos,⁸ não iluminados sob os parâmetros da razão, pois o conhecimento nem sempre precisa ser iluminado pelas luzes do iluminismo,⁹ pois é na escuridão que o véu da hipocrisia burguesa se dissolve e os desejos mais viscerais ganham substância: na escuridão se faz experiência, corpo, conhecimento, gênero, sexualidades e subjetividades. Para mapear essas dimensões teóricas para subsidiar e enriquecer o que aqui será denominado de epistemologia *queer*, o artigo emprestará algumas concepções de autores clássicos e contemporâneos, inseridos dentro da filosofia e história da ciência, sociologia, antropologia, psicanálise, teologia, política, estética, teoria crítica e epistemologia.

O estudo parte do pressuposto de que o fenômeno da produção do conhecimento configura o modo de produção de subjetividades, como um efeito da institucionalização do saber e das relações discursivas de poder. O sujeito se constitui, nessa lógica, como um efeito do discurso de poder-saber,¹⁰ naturalizado pela razão instrumental em detrimento da razão crítica, postulado por Max Horkheimer, em *Eclipse da Razão* (1945), impactado pela estruturação de algumas matrizes de pensamento, como a ciência, o capitalismo, o patriarcado, o colonialismo e o cristianismo, por exemplo. Esses discursos, portanto, tornam-se operadores subjetivos no tecido social, influenciando o modo de funcionamento das instituições de produção do conhecimento, se instituindo como um dispositivo social de produção dessas subjetividades, cristalizadas a partir de um conjunto

⁵ DUNKER, *Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico*.

⁶ FANON, *Os condenados da terra*.

⁷ BENJAMIN, *Passagens*.

⁸ FAVERO, *Psicologia suja*.

⁹ O iluminismo reflete alguns valores burgueses do século XVIII, originados na Europa ocidental. Embora por um lado se admita que esse movimento intelectual possibilitou um avanço no conhecimento, por outro lado, admite-se a marginalização de outras cosmologias, perpetuando, implicitamente, uma violência simbólica a partir de um saber com pretensões totalizantes. Sua ênfase na razão objetiva tende a desconsiderar modos de produção de conhecimentos alternativos e experiências que não se enquadram aos parâmetros consensuais da ciência positivista. (Cf. Adorno, *Educação e Emancipação*; Horkheimer, *Eclipse da razão*).

¹⁰ FOUCAULT, *A ordem do discurso*.

de ideias que se traduzem em modelos disciplinares, a partir de grandes sistemas simbólicos-ideológicos.

O conhecimento, conforma demonstra Kant,¹¹ Nietzsche¹² e Foucault,¹³ é uma invenção (*Erfindung*), e ao contrário do que pressupõe alguns sistemas de pensamento filosóficos, como positivismo, por exemplo, o saber não deve ser visto como um conteúdo neutro, em uma pressuposição de uma natureza pura e universal. Muito pelo contrário, todo saber é constituído por um conjunto de relações ideológicas e de poder, o qual terá as condições prévias para sua circulação, produção e transmissão. Desse modo, o conhecimento, como toda a invenção, está submetido a um tempo e um espaço que lhe são próprios. O saber é poder, pois é fruto das relações de luta social dentro dos jogos e das relações de poder, sendo, sobretudo, um instrumento de guerra e um meio de dominação e exploração.

Esses sistemas de pensamento orientam, regulam e determinam a fabricação de um saber e de uma verdade sobre o corpo, sexualidade, gênero e subjetividade dos sujeitos, traduzidos, na contemporaneidade, em um dispositivo pedagógico psiquiatrizante, por exemplo, que se expressa na indústria dos diagnósticos psicopatológicos em massa, com a materialização dos laudos médicos, a partir de um saber médico e psiquiátrico. A psicopatologia, nesse contexto, se apresenta como uma indústria da patologização da experiência humana (conforme apontado por Michel Foucault, por exemplo, nas obras *O Nascimento da Clínica* (1963), *História da Loucura* (1961) e o *Poder Psiquiátrico* (1974), ecoando em uma pedagogia e uma psicologia classificatória, psiquiatrizante e biopolítica.

Observa-se, assim, que a supremacia do saber psiquiátrico na construção do conhecimento, dos corpos e subjetividades, se traduz na expansão dos diagnósticos psicopatológicos em sua expressão mercadológica no cotidiano, uma vez que o capitalismo se estrutura como uma religião, conforme aponta Walter Benjamin, em 1921. Os diagnósticos, portanto, se tornam expressões das relações de poder, que configuram o modo de produção de subjetividades e da experiência humana.

Este trabalho surge como uma brecha para se pensar em uma subversão radical desses sistemas discursivos, abrindo um espaço para a elaboração de um discurso em que o significante-mestre possa transitar em outros lugares, a partir dos rascunhos de epistemologia *queer* e decolonial, que leve em consideração o resgate dos saberes ancestrais, assassinados ao longo da história. Uma epistemologia *queer*, portanto, é a possibilidade de transmutar o saber hegemônico para um saber plural e diverso, ecoando no ressurgimento de novas práticas e dimensões epistemológicas, priorizando a ética da existência em detrimento de uma ética jurídico-econômica. A ética da existência, portanto, inaugura uma epistemologia com um olhar sensível para além da classificação e padronização de corpos, gêneros e subjetividades, destacando um saber que valoriza a experiência humana, ao invés de colocá-la em uma psicopatologia ou uma classificação prévia a partir de um saber instituído por aqueles que detém as ferramentas e as tecnologias da verdade e do saber.

Desse modo, pensa-se enquanto epistemologia *queer* todo ato de produção de conhecimento subversivo a qualquer hegemonia naturalizada a partir da supremacia do

¹¹ KANT, *Crítica da razão pura*.

¹² NIETZSCHE, *Genealogia da moral*.

¹³ FOUCAULT, *Microfísica do poder*.

discurso da ciência positivista, ilustrado no título do presente artigo, em que carrega consigo o termo "*rascunhos*", pois a experiência *queer* se apresenta em um estado de *vir a ser*; "*rascunhos*", pois diz de uma escrita que contorna uma luta que não cessa; um rascunho nunca definitivo, pois sempre em movimento, clamando por um território e um espaço para que essa escrita seja possível; um "*rascunho*" que sublinhe, rabisque e contorne os corpos e as sexualidades, rasgando e fraturando a política conservadora, a ética jurídico-econômica e a estética mecânica-corporal; "*rascunhos*", pois são saberes que não se limitam a nomeações fixas, pois flutuam¹⁴ por entre as entranhas sujas,¹⁵ subterrâneas e marginalizadas da existência e da experiência humana. Uma epistemologia *queer* é o encontro plural de um território daqueles que não possuem um lugar no mundo e que habitam o abismo social, porém, as escuridões e os becos da marginalidade moral também são territórios e é aqui que uma epistemologia *queer* é possível: uma epistemologia *queer* requer, portanto, uma epistemologia crítica e anarquista.

2. Uma epistemologia *queer* requer uma epistemologia crítica e anarquista

*Precisamente, porque estou comprometida com uma transformação hegemônica deste horizonte, eu continuo a considerar esse horizonte como um esquema ou **episteme** historicamente variável, que é transformado pelo surgimento do não-representável dentro de seus termos, que é obrigado a reorientar-se em virtude dos desafios radicais à sua transcendência apresentados por figuras "impossíveis" nas fronteiras e fissuras de sua superfície.*

[Judith Butler]

A epistemologia perpassa o sistema discursivo das verdades que incidem sobre os corpos, as sexualidades, os gêneros e sobre as subjetividades, influenciando, em consequência, o modo de ser no mundo. Nesse sentido, conceber o campo de estudos da epistemologia implica questionar o modo de produção do conhecimento e como isso impacta e configura diretamente na construção da identidade, saberes e valores sobre o outro. É possível analisar, conforme exposto anteriormente, que o sujeito se constitui como um efeito do discurso atribuído pelo outro, se tornando um objeto de uma verdade submetida à um conjunto de operadores discursivos, legitimando determinadas experiências a partir da autorização dessa verdade, e deslegitimando, pelo contrário, aquelas que não se encontram dentro desses limites discursivos.

¹⁴ Alusão a música do cantor pernambucano Johnny Hooker, com participação da cantora paulista Liniker.

¹⁵ FAVERO, *Psicologia suja*.

Para estremecer esses sistemas epistemológicos hegemônicos,¹⁶ resgata-se alguns horizontes de pensamento que desafiam a verdade instituída pela ciência convencional, fraturando esses saberes carregados de resíduos morais, patologizantes e classificatórios instituídos ao longo da história. Sendo assim, partindo do anarquismo epistemológico do filósofo austríaco Paul Feyerabend e da teoria crítica dos filósofos da escola de Frankfurt, Theodor Adorno e Max Horkheimer, é possível demarcar uma crítica à alguns saberes hegemônicos, uma vez que, conforme nos aponta Paul Feyerabend, para conceber uma “*Nova Ciência*”, é necessário considerar a historicidade dos fenômenos e sua expressão em termos culturais, psicológicos e estéticos, e analisar criticamente, sobretudo, a influência do positivismo lógico na manutenção do saber ocidental ao longo dos últimos séculos.¹⁷

O método positivista é o método que permeia a organização do pensamento, seja na produção científica que vigora na Universidade, seja na influência nas organizações públicas e governamentais, como partidos políticos, ONGs, sistemas de ensino, indústrias, meio de comunicação de massa, etc. Há de se destacar que a difusão do positivismo nas organizações sociais está recheada, de forma camuflada, da reprodução dos sistemas de poder, da ideologização social e da manutenção dos *status quo*.¹⁸

Nesse horizonte, o que importa não é a validade do conhecimento a partir de um parâmetro estabelecido por alguma instância detentora do saber, mas sim a produção do conhecimento a partir de uma lógica do *pluralismo teórico*,¹⁹ desvinculado da lógica formal que seria responsável por legitimar ou não os modos de produção do saber. Sendo assim, o conhecimento deve se produzir sem uma regra prévia, pois é a partir da liberdade de produção do conhecimento científico, sem determinações rígidas e autoritárias, que o conhecimento pode circular por outras vias, outros rumos, outros caminhos e outros destinos alternativos, pois a produção de verdades a partir de um ideal de normalidade é um risco, pois demarca limites autoritários de produção do conhecimento a partir das relações de poder:

[...] os jogos de nomeação operam linhas de poder na medida em que produzem ação concreta no mundo. Fabricam sujeitos, instituições e ainda produzem modos de se relacionar... esse jogo violento de produção de verdades a partir de um ideal de normalidade é um risco, pois tece tramas que podem facilmente nos capturar. Sem perceber, nosso corpo acaba sendo depositário de uma série de expectativas de pacificação cisgênera que visam reinstalar a normalidade binária, supostamente criada por deus e pela natureza.²⁰

Propõe-se pensar uma produção de conhecimento a partir de um ato de violação das regras do jogo científico, criado por aqueles que detém as peças da verdade e que

¹⁶ Para compreender a hegemonia e aparelhos ideológicos do estado, cf. Gramsci, *Escritos políticos*.

¹⁷ A crítica ao positivismo lógico a partir da teoria crítica pode ser explorada em: Adorno e Horkheimer, *Dialética do Esclarecimento* (1947); Horkheimer, *Teoria tradicional e Teoria Crítica* (1936); Horkheimer, *Eclipse da Razão* (1947); Adorno, *Introdução à controvérsia sobre o positivismo na sociologia alemã* (1968).

¹⁸ BARRA, *Teoria crítica e a crítica ao positivismo*, p. 448.

¹⁹ FEYERABEND, *Contra o método*.

²⁰ FAVERO, *Psicologia suja*, pp. 12-13.

mantém sob uma vigilância panóptica seu *modus operandi*,²¹ se expressando nos diferentes dispositivos institucionais autoritários de manutenção da reprodutibilidade (ou não) de determinados saberes. Nessa perspectiva, nos diz Feyerabend que: "[...] as violações são necessárias para o progresso",²² e na mesma linha de pensamento, Favero quando nos aponta a necessidade de romper com uma *episteme* instituída como "forma de reescrever as leis do poder e por isso mesmo não se trata de uma alternativa, mas de uma bagunça".²³

Toda produção do conhecimento é, em natureza, um ato político, e, quando desarticulada do discurso hegemônico, se apresenta como um ato de rebeldia, pois busca rasgar os valores morais instituídos, buscando novos modos de construção do saber, que muitas vezes se encontram no abismo social. Para uma epistemologia *queer*, devemos, portanto, "Sujar nossas bocas para provar contribuições epistêmicas marginais",²⁴ pois a tentativa de conservar o conhecimento em um viés atemporal é impedir seu avanço, pois: "A ideia de que a ciência deve ser útil e influenciar a sociedade [...] faz parte da ideologia de cientistas e governos".²⁵

A ciência deve, desse modo, ser contemplada como uma das inúmeras cosmologias existentes, pois, conforme aponta Feyerabend, o racionalismo cartesiano e o positivismo lógico que configuram a ciência convencional tendem a desconsiderar implicitamente as experiências e formas de vida que não levem em consideração a mensuração, a matematização e o controle das variáveis em termos de neutralidade e distanciamento. Sendo assim, tudo o que não se encaixa no parâmetro de legitimação positivista é deslegitimado: a arte, a poesia, a estética, a literatura, a linguagem e qualquer possibilidade de "extravagar em mundos inteligíveis é não apenas proibido, mas é tido como um palavreado sem sentido".²⁶

O *pluralismo teórico*,²⁷ nesse contexto, dá abertura para outras formas de produção do conhecimento, correspondendo a diferentes formas de expressão das verdades do mundo, não se restringindo em uma única cosmologia. Nesse modelo, o conhecimento se apresenta em uma racionalidade não positivista e não marcada por supremacias discursivas da produção do saber e da verdade. O *pluralismo teórico*, em contrapartida, legitima as diversas manifestações de existir no mundo, se opondo a redução ou a comparação de um modo de vida ou teoria em detrimento de outro. Nesse contexto, segundo a perspectiva de Feyerabend, devemos adotar uma abordagem "*culturalista*" em oposição a uma abordagem "*naturalista*" ao conceber a natureza do conhecimento.

Os aspectos subjetivos e especialmente os elementos estéticos podem desempenhar um papel construtivo na ciência e em seu progresso, pois toda teoria carrega consigo um certo grau de subjetividade, o que significa que por mais que uma teoria reivindique um lugar de neutralidade experimental, expulsando o demônio da subjetividade pela janela, este retornará com força pela porta dos fundos, pois toda ciência

²¹ FOUCAULT, *Vigiar e punir*.

²² FEYERABEND, *Contra o método*, p. 29.

²³ FAVERO, *Psicologia suja*, p. 19.

²⁴ FAVERO, *Psicologia suja*, p. 36.

²⁵ IANNI, *Sociologia da sociologia*, p. 232.

²⁶ ADORNO; HORKHEIMER, *Dialética do esclarecimento*, p. 39.

²⁷ FEYERABEND, *Contra o método*.

é humana, e todo ser humano é efeito de linguagem, ou seja, toda ciência reflete um conjunto de ideologias simbólico-políticas. Toda ciência é, portanto, política e ideológica.

É dentro dessa idéia que o pensamento positivista é reposição da ideologia, pois, ao converter o universal em particular, ele retira as possibilidades de um pensamento livre e autônomo e transforma o presente na eterna posição de futuro antecipado ou de passado esquecido. Assim, o positivismo retira do passado a possibilidade de compreender o presente, uma vez que o passado serve apenas como consulta e não como lógica da imanência do presente. Acontece o contrário da dialética, conforme apontou Marx (2003, p. 15), quando reconheceu o valor do passado na constituição do presente: "a tradição de todas as gerações mortas oprime o cérebro dos vivos como um pesadelo".²⁸

O anarquismo epistemológico implica "Partir de uma firme convicção, contrária a razão e à experiência da época",²⁹ desafiando, assim, os parâmetros e as demarcações político-ideológicas estabelecidas sobre a validação de uma verdade. Essa proposta surge como uma forma de resgatar os saberes que foram assassinados ao longo da história por uma estrutura colonial e opressora, ou seja, saberes que sofreram "*epistemicídio*",³⁰ isto é, o silenciamento e a morte de alguns saberes que não se enquadravam nos moldes da ciência convencional e que, por isso, não foram legitimados diante às autoridades científicas. Feyerabend nos aponta, nessa linha de raciocínio, que: "Qualquer ideia, embora antiga e absurda é capaz de aperfeiçoar nosso conhecimento. A ciência absorve toda a história do pensamento e a utiliza para o aprimoramento de cada teoria".³¹

Nessa perspectiva, toda ciência é um sistema de apropriação de uma verdade, moldando os modos de como os sujeitos devem ser no mundo, para que sejam legitimados diante uma verdade previamente estabelecida: "Assim, o racionalismo europeu vai produzindo peças e argumentações diversas, desde que justifiquem sua jornada pela dominação e exploração".³² A ciência convencional de caráter positivista, portanto, corresponde à uma construção atrelada ao modelo cis-heteronormativo, e que carrega resíduos intelectuais burgueses e eurocentrados, se expressando nos paradigmas biomédicos, por exemplo, em que se materializa na patologização da experiência humana em termos da dicotomia normal e patológico.³³

Mais uma vez vemos o imaginário cristão sendo atualizado: se num primeiro momento a igreja católica decidia quem tinha alma ou não, quem poderia ser escravizada ou não, esse exato lugar passa por herança para as ciências positivistas, quando estas tomam para si o lugar de dizer sobre as pessoas quem é mais evoluído, régua exemplar do mundo. Estes [corpos], que são vasculhados, catalogados, medidos, analisados, num ímpeto de produzir nomes que pacifiquem novamente o mundo daqueles não nomeados, avesso a contradições.³⁴

²⁸ BARRA, *Teoria crítica e a crítica ao positivismo*, p. 454.

²⁹ FEYERABEND, *Contra o método*, p. 33.

³⁰ Cf. MBEMBE, *Necropolítica*; GONZALEZ, *Por um Feminismo Afro-Latino-Americano*; QUIJANO, *Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina*; SANTOS, *A Gramática do Tempo* e SANTOS; MENESES, *Epistemologias do Sul*.

³¹ FEYERABEND, *Contra o método*, p. 34.

³² FAVERO, *Psicologia suja*, p. 11.

³³ CANGUILHEM, *Le normal e le pathologique*.

³⁴ FAVERO, *Psicologia suja*, p. 12.

É possível constatar a presença da crítica ao positivismo lógico, além de Feyerabend, nos pensadores críticos da escola de Frankfurt, inaugurada na Alemanha no início do século XX, com o objetivo de compreender e criticar a sociedade moderna, investigando a articulação entre a filosofia, a sociologia e a cultura, com ênfase na análise das forças que perpetuam a opressão e a alienação social a partir dos discursos e do sistema de linguagem. A teoria crítica se articula como uma epistemologia oriunda do materialismo histórico-dialético de Karl Marx.

O método dialético tem se afirmado – a partir da polêmica instaurada pelo pensamento marxista – como uma proposta radical de pensar a realidade, em contraposição a duas vertentes outras de pensamento. De um lado, o idealismo, e do outro o empirismo. Nessa controvérsia, o método dialético inaugura a forma de apreensão do real concreta e objetivamente, ao contrário da posição tomada nas concepções anteriores.³⁵

Theodor Adorno e Max Horkheimer, da Escola de Frankfurt, criticaram o projeto do Iluminismo por meio da obra conjunta *Dialética do Esclarecimento* (1944). Os autores argumentam que o Iluminismo, originalmente destinado a promover o conhecimento, liberdade e emancipação, se transformou em um mecanismo tecnológico de dominação e racionalização que culminou no totalitarismo e na alienação. A teoria crítica destaca, nesse contexto, como a razão se tornou um objeto instrumental, alienando os sujeitos e enfraquecendo a emancipação prometida pela filosofia iluminista. A aparelhagem técnica do sujeito diante sua realidade, retira, portanto, sua possibilidade de emancipação e de senso crítico, tornando os sujeitos alienados e adaptados ao discurso da razão instrumental em detrimento da razão crítica. O tecnicismo da razão é uma forma de manter a ideologia em massa sob controle dos dispositivos e aparelhos ideológicos do estado.³⁶

A crítica às teorias tradicionais e convencionais da ciência, presentes em *Eclipse da Razão* (1947) e *Dialética do esclarecimento* (1947), correspondem ao modo como a ciência se torna na modernidade um dispositivo de alienação e de controle social, se expressando em um discurso exclusivamente cientificista, de caráter a-crítico, a-histórico, autoritário e aparentemente "neutro", desconsiderando, no entanto, o contexto de produção dos saberes e sua articulação com os dispositivos de poder que controlam, validam, regulam, vigiam, autorizam ou excluem e ocultam determinados saberes.

Em Adorno e Horkheimer é possível identificar que a ordem social na sociedade capitalista é intrinsecamente ligada ao progresso da técnica, impulsionado pelo pensamento positivista. Essa conexão não é coincidência, já que a estrutura burguesa se fundamenta propriamente no paradigma positivista, que perpetua a lógica do capitalismo e promove a ideologização da realidade: "Na medida em que o conceito da teoria é independentizado [...] ele se transforma em uma categoria coisificada e, por isso, ideológica".³⁷ Nos diz Horkheimer: "Quanto mais as idéias se tornam automáticas, instrumentalizadas, menos alguém vê nelas pensamentos com um significado próprio. São consideradas como coisas, máquinas".³⁸

³⁵ BARRA, *Teoria crítica e a crítica ao positivismo*, p. 448.

³⁶ ALTHUSSER, *Aparelhos ideológicos do estado*.

³⁷ HORKHEIMER, *Teoria tradicional e teoria crítica*, p. 121.

³⁸ HORKHEIMER, *Eclipse da razão*, p. 30.

Tal mecanização é na verdade essencial à expansão da indústria; mas se isso se torna a marca da característica das mentalidades, se a própria razão é instrumentalizada, tudo isso conduz a uma espécie de materialidade e cegueira, torna-se um fetiche, uma entidade mágica que é aceita ao invés de ser intelectualmente apreendida.³⁹

O tecnicismo da razão é, portanto, uma forma de assegurar um controle sobre o objeto de estudo, impulsionado pelos princípios da classificação, matematização, quantificação, instrumentalização, formalização e coisificação, pois todos esses elementos refletem a máxima positivista: a necessidade de controle sobre o objeto de estudo. Adorno & Horkheimer criticam o excesso do pensamento objetificado no modo de produção do saber moderno: "O procedimento matemático tornou-se, por assim dizer, o ritual do pensamento. [...] ele se instaura como necessário e objetivo, ele transforma o pensamento em coisa, em instrumento, como ele próprio o denomina".⁴⁰ Esse dado imediato, nessa linha de pensamento, é o que determina a validade de um saber, anulando qualquer possibilidade de abstração, pois o "O factual tem a última palavra, o conhecimento restringe-se à sua repetição, o pensamento transforma-se na mera tautologia. Quanto mais a maquinaria do pensamento subjuga o que existe, tanto mais cegamente ela se contenta com essa reprodução".⁴¹

Sem movimento, o conhecimento é "petrificado numa lógica que não reconhece a historicidade do real",⁴² sendo assim, tudo que não encontra um estatuto da verdade dentro dos parâmetros da ciência convencional é deslegitimado, sendo descartado ao abismo epistemológico. Portanto, coloca-se de fora tudo que o possa ameaçar o suposto controle das variáveis do paradigma positivista. Tudo aquilo que não encontra um estatuto no domínio da razão instrumental, transforma-se de "objeto" de estudo para "abjeto" de estudo, ou seja, se desterritorializa, se exclui, se assassina, não sobrando espaço para o estranho, o desconhecido e o incontrolável. Mas a lógica positivista só deixou escapar uma coisa: corpos, sexualidades e subjetividades não podem ser mensurados pela mesma régua da razão.

A ciência se torna, nesse sistema de pensamento, uma instância que assegura a manutenção da lógica de reprodução do saber e da verdade, se consolidando em uma identidade atemporal e universal, se expressando em um sistema ideológico de reprodução de um saber em massa, não considerando a historicização de seu objeto de estudo, sem situá-los, consequentemente, como verdades produzidas em um espaço-tempo, demarcados pelos dispositivos de poder que determinam o modo de produção de conhecimento, e consequentemente, de subjetividades. A ciência se torna, portanto, nessa perspectiva, um discurso de controle de massa sobre as verdades produzidas na realidade social e cultural.

A teoria crítica denuncia o caráter autoritário e alienado da ciência positivista e das teorias epistemológicas tradicionais,⁴³ que desconsideram a construção dialética do conhecimento. Desse modo, a *Dialética negativa* de Adorno,⁴⁴ por exemplo, emerge como uma abordagem que se concentra na crítica ao positivismo lógico e à simplificação excessiva do pensamento. Na *Dialética negativa*: "A suspeita de ideologia torna-se total

³⁹ HORKHEIMER, *Eclipse da razão*, p. 31.

⁴⁰ ADORNO E HORKHEIMER, *Dialética do esclarecimento*, p. 37.

⁴¹ ADORNO E HORKHEIMER, *Dialética do esclarecimento*, p. 39.

⁴² BARRA, *Teoria crítica e a crítica ao positivismo*, p. 454.

⁴³ HORKHEIMER, *Teoria tradicional e teoria crítica*.

⁴⁴ ADORNO, *Dialética negativa*.

[...]. Ela volta-se não apenas contra a função irracional dos ideais burgueses, como também contra o próprio potencial racional da cultura burguesa”.⁴⁵

A *Dialética negativa*, portanto, busca enfatizar a importância da contradição, da ambiguidade e da negação do instituído na compreensão da realidade, valorizando a complexidade, a ambiguidade e a riqueza da experiência humana, pois ao invés de tentar impor categorias rígidas e conceitos definidos sobre o mundo e sobre a experiência, como é a pretensão das teorias tradicionais (positivismo lógico e racionalismo cartesiano), a *Dialética Negativa* busca explorar as tensões e contradições inerentes à realidade.

Nessa concepção, a verdadeira compreensão da experiência e da realidade não reside em sistemas de pensamento simplificados e dogmáticos: reside nas margens, nos abismos, nas zonas cinzentas, no subterrâneo do desconhecido, nos desconfortos, na bagunça, na sujeira, nas contradições, e sobretudo, nas entranhas dos corpos desfigurados e desalienados. Desse modo, a arte, a literatura, a pintura, a música, a dança, o cinema e a poesia se tornam ferramentas para desafiar o racionalismo objetivo, valorizando a experiência estético-cultural como um dispositivo político e de resistência em detrimento da massificação de corpos e subjetividades.

Na *Dialética negativa*, o estatuto do saber e da verdade não se submete aos parâmetros da razão iluminista, mas situa-se justamente naquilo que escapa à razão, pois é na dimensão irracional que algumas pulsões encontram destino, ameaçando a ordem social dos discursos instituídos sobre os modos de subjetivação. Legitimar a dimensão irracional como estatuto do saber é subverter a lógica do saber hegemônico, operando uma ferida narcísica, conforme provoca Freud, com a descoberta dos mecanismos do inconsciente: “o eu não é mais senhor em sua própria casa”.⁴⁶ A partir da teoria crítica, portanto, se investiga um possível *diagnóstico do tempo presente* a partir de indagações que surgem como uma desobediência epistemológica,⁴⁷ ou seja: Quem detém o saber e a verdade? Quem tem o poder de produzir conhecimento? Quem faz a ciência? A quem a ciência serve? Quem detém as regras do jogo científico?

3. A desobediência aos saberes hegemônicos: uma performance queer

“Toda linguagem é epistêmica.”

[Molefi Kete Asante]

A gênese dos modos de subjetivação e produção do conhecimento está na genealogia dos discursos estruturantes do sistema simbólico-cultural traduzidos na linguagem humana, submetida às relações de poder que se origina desde as concepções teológicas em suas raízes cristãs-europeias, se estendendo às concepções filosóficas e epistemológicas ocidentais que constituem uma cosmovisão particular, circunscrevendo um limite possível para a apropriação e circulação da verdade. Esses discursos são validados, assim, a partir de um parâmetro hegemônico, que se localiza nas mãos daqueles que possuem o poder de perpetuar a história a partir de um conjunto de

⁴⁵ HABERMAS, *O discurso filosófico da modernidade*, p. 169.

⁴⁶ FREUD, *Conferências introdutórias sobre psicanálise*, p. 295.

⁴⁷ ADORNO E HORKHEIMER, *Dialética do esclarecimento*.

interesses ideológicos próprios. Portanto, tendo em vista que toda relação de saber é também uma relação de poder,⁴⁸ surge a atitude política a qual este artigo se propõe: apontar novos modos de construção de conhecimento e de abordagens epistêmicas, e consequentemente, de subjetivação, pois "o debate não é só sobre ser ou não subjetivado, mas sobre como achar formas de fraturar os caminhos clássicos de subjetivação".⁴⁹

Estou descomprometida com alguém, alguma entidade, algum julgamento ao longo da escrita deste texto. Comprometo-me somente com a produção de conhecimento. A psicologia suja não é uma alternativa. Não é uma clínica diferente. Ela é uma arte da guerra. Geopolítica aplicada. **É uma forma de reescrever as leis do poder e por isso mesmo não se trata de uma alternativa, mas de uma bagunça.** Ela ensina estratégias de saqueamento e sobrevivência, questiona as "causas nobres" da norma e faz com que fiquemos mais em paz com nossas sujeiras. A psicologia suja é uma estratégia de difamação global. Militarizar as palavras. Naufragar as violações. Bombardear as neutralidades.⁵⁰

Uma epistemologia *queer* surge como uma desobediência aos saberes hegemônicos, se expressando em um ato político de subversão às demarcações institucionalizadas da produção de conhecimento. Desse modo, conceber uma noção de rascunhos de uma epistemologia *queer* implica dar voz aos saberes que são oprimidos nos rastros do cotidiano, mas que habitam o abismo social: nas margens, na escuridão, nas sombras, nos rastros, nos resíduos suburbanos e nos espaços subterrâneos que a vã ciência positivista não alcança, e sequer tenta alcançar. Falar de uma epistemologia *queer*, portanto, é arrancar o tapete da hipocrisia da burguesia, ameaçando a ordem, instaurando o caos, bagunçando o sistema e arrancando o véu do conservadorismo que encobre o território brasileiro e o norte global,⁵¹ que perpetua discursos de opressão e de violência em práticas eugenistas e de controle biopolítico.

Percepções de brilho, luz, iluminação remetem inevitavelmente a certo campo semântico dicotômico que opera uma hierarquia maniqueísta: a luz contra as trevas, o bem contra o mal. Se esses elementos nascem de um ideal colonizador cristão que precisou operar desde a lógica das guerras de conquista na produção de imperialismos, ela se atualiza em um ideal de ciência iluminadora do mundo, que reitera os mesmos pares disjuntivos: luzes da razão contra as trevas da superstição, a civilização contra a selvageria, nós os escolhidos e iluminados contra todos esses seres inferiores. Pode parecer pitoresco e antiquado esse quadro que aqui desenho, mas **jogos discursivos e políticos que operam nesses limites seguem se atualizando ainda hoje e também atualizando a própria categoria de humano.**⁵²

Uma epistemologia *queer* se aproxima ao que Sofia Favero denomina de uma "Psicologia Suja": uma produção de conhecimento que dê ouvidos às contribuições epistêmicas marginais, acolhendo o mal-visto, o mal-dito, a imundície, a podridão; escutando os intervalos, as brechas e as sujeiras; conhecendo e acessando alguns lugares em seus detalhes mais sórdidos para dissecar, assim, os elementos culturais,

⁴⁸ FOUCAULT, *A arqueologia do saber*.

⁴⁹ FAVERO, *Psicologia suja*, p. 29.

⁵⁰ FAVERO, *Psicologia suja*, p. 19, grifo nosso.

⁵¹ Para compreender a hegemonia epistemológica do norte global, Cf Santos, *A Gramática do Tempo*.

⁵² FAVERO, *Psicologia suja*, pp. 12-13, grifo nosso.

subjetivos, históricos e políticos, que determinam o modo de relação do sujeito com o saber.

Uma psicologia suja resiste ao moralismo. Socializá-la com a sujeira é insistir em um projeto de mundo menos alheio à maldade. E por isso que ela, a imundície, vem para mim como um caderno de bordo. Um olhar analítico. Contaminemos nossos sentidos. Então, sim. Urina, fezes e sangue nos trazem desconforto, de fato, mas vocês já foram olhados como olham para mim no supermercado? Parece que perdem a fome. Com a psicologia que estou propondo, gostaria de sujar nossas retinas para enfim enxergar a tirania do social. Sujar nossos ouvidos para escutar os devires das ruas. **Sujar nossas bocas para provar contribuições epistêmicas marginais.**⁵³

O corpo surge em cena nesse ponto como o palco onde a subjetividade se expressa e sua articulação com o saber aqui se estabelece, pois é no corpo que as marcas simbólico-discursivas sublinham ao sujeito as condições de sua própria verdade, que em sua natureza, é do outro, pois "o eu é um outro".⁵⁴ O corpo, porém, inexiste em um estado de natureza, pois é a partir dos efeitos de linguagem que incidem no corpo que este fenômeno encontra seu estatuto de existência, se constituindo na trama dos sentidos simbólicos-culturais. No entanto, o corpo é tomado, frequentemente, como um objeto vislumbrado sob um ângulo paradigmático exclusivamente biomédico, sem dar possibilidades a outras óticas, como uma sociologia do corpo, por exemplo. Nas palavras de Le Breton, "a sociologia aplicada ao corpo distancia-se das asserções médicas que desconhecem as dimensões pessoal, social e cultural de suas percepções sobre o corpo".⁵⁵

Compreender o estatuto do corpo implica concebê-lo como um elemento submetido às tecnologias do poder, que conferem seu lugar e condições de sua existência. Tratar do corpo, portanto, é tratar de política, tendo em vista que nos últimos séculos, a partir dos estudos antropológicos e sociológicos, inúmeros autores expuseram em seus escritos um manifesto implícito sobre o controle sobre o próprio corpo,⁵⁶ concedendo-lhe, em determinada medida, um estatuto político na luta contra sua exploração e sua submissão às tecnologias de biopoder.

Nesse sentido, questionar o estatuto político do corpo é buscar inseri-lo em novas representações sociais, como é o caso dos corpos que desafiam a lógica binária das configurações de gênero, por exemplo. Corpos marcados por violência: travestis, transmasculinos, transfemininas, não-binários, homem transexual, mulher transexual, homens trans, mulher trans, transvestigeneres, transgênero e transexual. Significantes que dizem de um corpo que ameaça a ordem discursiva vigente a partir do incômodo e do mal-estar social, e que denunciam, no entanto, o caráter repressivo da configuração do corpo em uma perspectiva sociológica. Corpos que geram uma contradição,⁵⁷ pois "Em todos os lugares, o corpo trans é odiado, ao mesmo tempo que é fantasiado, desejado e consumido.",⁵⁸ ilustrado a partir da constatação de que o Brasil é o país que mais mata

⁵³ FAVERO, *Psicologia suja*, p. 36, grifo nosso.

⁵⁴ LACAN, *O seminário, livro 1*, p. 50.

⁵⁵ LE BRETON, *Sociologia do corpo*, p. 36.

⁵⁶ Marcel Mauss; Merleau-Ponthy; Norbert Elias; Bernard Michel; Luc Boltanski; Michel Foucault; Franco Basaglia; Judith Butler; Paul Preciado; Micheli Ortega Escobar; Celi Nelza Zülke Taffarel; Wilhelm Reich; Oyèrónkẹ Oyěwùmí; Simone de Beauvoir; Guacira Lopes Louro, etc.

⁵⁷ Cf. ADORNO, *Dialética Negativa*.

⁵⁸ PRECIADO, *Sou o monstro que vos fala*, p. 28.

transexuais no mundo, e simultaneamente, o país que mais consome pornografia trans, evidenciando o caráter reativo da ambivalência afetiva, de acordo com Freud.⁵⁹

Conforme nos aponta Horkheimer,⁶⁰ é necessário estabelecer um *diagnóstico do tempo presente*, situando em um espaço-tempo a origem de determinados saberes. Em uma perspectiva geográfica, observa-se que a Europa emerge como a fonte dos resíduos intelectuais que se disseminaram ao ocidente moderno ao longo da história como matéria-prima do conhecimento. Sua cosmologia, portanto, determinou e determina as relações de poder do conhecimento e na animalização do desconhecido. Desse modo, vemos que essa cosmologia determina os fenômenos pela via de um imperativo de "natureza humana", por exemplo, a partir da naturalização de discursos que são, por excelência, construções sociais e históricos e que se instituem, na cosmologia eurocêntrica, como naturalizações epistêmicas. A experiência psicanalítica nos demonstra, nesse contexto, que a dimensão sexual é inconcebível a partir dos determinantes de uma suposta "natureza humana" da diferença dos sexos em uma estrutura binária, pois o que Freud denominou de realidade sexual do inconsciente não deve nada ao biológico ou às diferenças anatômicas do organismo.

As concepções de gênero, por exemplo, socialmente e historicamente situadas, passam a ser concebidas como a expressão natural do organismo humano, desconsiderando, no entanto, que sua configuração está intrinsecamente ligada às determinações socioculturais: "A infância e a criança não se vestem assim devido à natureza, mas, ao contrário, porque o corpo, desde o nascimento, é o vetor biopolítico da norma (de gênero, de raça, de capacidade)".⁶¹ Há uma subversão da supremacia biológica do discurso sobre o corpo a partir da determinação do sujeito pela via da linguagem. A passagem de uma concepção de "natureza humana" para uma dimensão histórica e socialmente construída se expressa como uma subversão epistêmica, pois resgata, conforme sugere Paul Preciado as "tradições do feminismo negro e lésbico, a crítica anticolonial e os movimentos pós-marxistas".⁶²

Paul Preciado, em seu *Relatório para uma academia de psicanalistas*, realizado em 2019, em Paris, o qual foi publicado pela editora Zahar, intitulado *Eu sou o monstro que vos fala*, afirma que a ciência busca domesticar os corpos transgêneros e aprisioná-los em diagnósticos nosográficos, a partir de uma estrutura coercitiva de patologização, amparado por diagnósticos anátomo-clínicos. Isso pode ser ilustrado a partir das outras formas de expressões de gênero no manual nosográfico da Associação Americana de Psiquiatria, o *Manual de Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais* (DSM – *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders*)⁶³, o qual está em sua 5ª versão,⁶⁴ mas que ilustra esses resíduos epistêmicos eugenistas da patologização dos corpos

⁵⁹ Mecanismo de defesa que consiste em transformar um desejo inconsciente inaceitável em seu oposto, pelo qual o ego mobiliza uma estrutura reativa, a mais oposta possível, para expressar um desejo inconsciente recalcado (FREUD, *Totem e Tabu*).

⁶⁰ HORKHEIMER, *Teoria tradicional e teoria crítica*.

⁶¹ PRECIADO, *Sou o monstro que vos fala*, p. 34.

⁶² PRECIADO, *Sou o monstro que vos fala*, p. 17.

⁶³ AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION (APA), *Manual de Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais*, p. 05.

⁶⁴ Observa-se, por exemplo, que as expressões de gênero eram denominadas a partir de uma nomenclatura pejorativa, como a presença do sufixo *ismo*, denotando uma doença. Na 2ª versão do manual, publicada em 1968, se atribuía a nomenclatura *transvestismo*; na 3ª edição, lançada em 1980, havia a presença do termo *transsexualismo*.

transgêneros, oriundos da naturalização dos discursos biomédicos, o qual traz a categoria "*Disforia de Gênero: em crianças, adolescentes e adultos*". O DSM mantém, em sua versão mais atualizada, a "disforia de gênero", isto é, a angústia desencadeada pela não identificação com o sexo masculino ou feminino. Em 2018, porém, por decisão da Organização Mundial da Saúde, reforçou-se a partir da Resolução do Conselho Federal de Psicologia (CFP) nº 01/2018⁶⁵, que travestilidades e transexualidades não são consideradas patologias.

Através do paradigma biomédico, se observa a perpetuação de práticas violentas e opressoras, deslegitimando as expressões de gênero que não se enquadram nos moldes cisgêneros estabelecidos pela sociedade, sendo denotados como corpos monstruosos. No entanto, corpo monstruoso é aquele que só encontra estatuto de existência nos discursos médicos e nas práticas clínicas psiquiatrizantes.

Eu, um corpo trans, um corpo não binário, a quem nem a medicina, nem o direito, nem a psicanálise, nem a psiquiatria reconhecem o direito de falar sobre minha própria condição na qualidade de especialista, ou de produzir um discurso ou uma forma de conhecimento sobre mim mesmo, aprendi, como Pedro Vermelho, a língua de Freud e de Lacan, do patriarcado colonial, a língua de todos os que estão presentes nesta sala, e a quem agora me dirijo.⁶⁶

A naturalização de fenômenos que são construídos sociais e historicamente promovem constantemente práticas violentas a partir das tecnologias de biopoder, se constituindo em torno de um discurso político de animalização das expressões que fogem dos parâmetros positivistas, pois: "Vivemos imersos na rede política da diferença sexual, e não me refiro apenas às questões administrativas, mas a toda uma série de poderes microscópicos que operam sobre nossos corpos e modelam nossos comportamentos."⁶⁷

Mas por que as senhoras e os senhores estão convencidos, queridos amigos binários, de que só os subalternos têm uma identidade? Por que estão convencidos de que só os muçulmanos, os judeus, os gays, as lésbicas, os trans, os moradores de periferias, os migrantes e os negros têm uma identidade? Vocês, os normais, os hegemônicos, os psicanalistas brancos da burguesia, os binários, os patriarco-coloniais, por acaso não têm identidade? Não existe identidade mais esclerosada e mais rígida do que a sua identidade invisível. Que a sua universalidade republicana. Sua identidade leve e anônima é o privilégio da norma sexual, racial e de gênero. Ou bem todos temos uma identidade ou então não existe identidade. **Ocupamos todos um lugar diversificado em uma complexa rede de relações de poder.** Ser marcado com uma identidade significa simplesmente não ter o poder de nomear sua posição identitária como universal. Não há universalidade nas narrativas psicanalíticas das quais vocês falam. As narrativas míticas-psicológicas retomadas por Freud e elevadas ao grau de ciência por Lacan não são mais do que histórias locais, histórias do espírito patriarco-colonial europeu, histórias que permitem legitimar a posição ainda soberana do pai branco sobre qualquer outro corpo.⁶⁸

As relações de poder estabelecidas pelo discurso patriarco-colonial se tornam uma matriz institucional que se perpetua ao longo da história nas práticas de controle e de opressão social, configurando a normalização das concepções de gênero, de corpo e

⁶⁵ BRASIL, *Resolução do Conselho Federal de Psicologia (CFP) nº 01/2018*, p. 1.

⁶⁶ PRECIADO, *Sou o monstro que vos fala*, p. 09.

⁶⁷ PRECIADO, *Sou o monstro que vos fala*, p. 17.

⁶⁸ PRECIADO, *Sou o monstro que vos fala*, p. 22, grifo nosso.

de sexualidade, por exemplo. Esses corpos, portanto, não encontram um território de expressão, sendo marginalizados e excluídos das vivências coletivas e sociais, ou seja, do *habitus* comum a todos os seres humanos,⁶⁹ se tornando um monstro "Aquele cujo rosto, corpo e práticas não podem ainda ser considerados verdadeiros em um regime de saber e poder determinados."⁷⁰

Denunciar esses discursos é efetivar um processo de descolonização do corpo, considerando que "A cisgeneridade se aproxima muito mais da ideia de uma instituição. Ela produz valores, roteiros e condições para criar uma noção de grupo ou de comunidade."⁷¹

Todas as sociedades humanas performam algum tipo de modificação culturalmente chancelada. O que o pensamento contemporâneo declara ao acusar uma "epidemia" é que ele não suporta ver modificações corporais que exponham contingências históricas, políticas e culturais responsáveis por definir o contorno dado à noção de corpo, em especial quando se trata de crianças. O corpo nos traz angústia.⁷²

Nesse horizonte, não é a transexualidade monstruosa e perigosa, mas o regime da diferença sexual. Apostar em novos saberes que desafiam as leis do patriarcado-colonial, da opressão sexual e da diferença sexual e de gênero, nesse contexto, é encontrar brechas afetivas para que todo corpo vivo tenha o direito de se expressar e existir de forma autêntica e segura. Emerge, nesse contexto, a necessidade de uma nova epistemologia que se concentre na articulação política ao desconstruir as concepções rígidas de corpo, gênero e sexualidade, desafiando e se opondo às narrativas hegemônicas dos paradigmas biomédicos, anátomo-clínicos, psicológicos, psicanalíticos, neurocientíficos e farmacêuticos.

Sei que fiz do meu corpo uma sala de exposição: mas prefiro fazer da minha vida uma lenda literária, um espetáculo biopolítico, do que deixar a psiquiatria, a farmacologia, a psicanálise, a medicina ou os meios de comunicação construírem de mim uma representação como homossexual ou transexual integracionista, binário e instruído, como monstro culto capaz de se expressar na linguagem da norma.⁷³

A epistemologia *queer* surge como um saber que desperta incômodo e desconforto. Sua natureza provocativa causa ânsia, náusea e angústia, pois legitima a condição de existência de corpos considerados destroços, escombros e escória social, ou seja, detritos orgânicos descartados pelo saber científico. A epistemologia *queer* desestabiliza o linear, pois convoca o sujeito a olhar para corpos, gêneros e sexualidades "para além dos limites do pensável".⁷⁴ É inquestionável, portanto, a necessidade de que novas vias discursivas gradativamente se alastrem como rizomas no circuito pulsional

⁶⁹ O *habitus* é o sistema de disposições inconscientes que constitui o produto da interiorização das estruturas objetivas e que, enquanto lugar geométrico dos determinismos objetivos e de uma determinação, do futuro objetivo e das esperanças subjetivas, tende a produzir práticas e, por esta via, carreiras objetivamente ajustadas às estruturas objetivas. (BOURDIEU, *Economia das trocas simbólicas*, pp. 201-202)

⁷⁰ PRECIADO, *Sou o monstro que vos fala*, p. 27.

⁷¹ PRECIADO, *Sou o monstro que vos fala*, p. 20.

⁷² PRECIADO, *Sou o monstro que vos fala*, p. 21.

⁷³ PRECIADO, *Sou o monstro que vos fala*, p. 31.

⁷⁴ SILVA, *Documentos de identidade*, p. 107.

dos corpos,⁷⁵ impulsionando novos destinos epistemológicos e fluxos de pensamento que não se limitem ao saber instituído, apostando, sobretudo, em novas lógicas analíticas, que não levem em conta somente a racionalidade objetiva, mas principalmente, aqueles saberes que desafiam a razão moderna.

[...] eu gostaria de lhes dizer que a epistemologia da diferença sexual foi abalada por mudanças profundas, e vai dar lugar, provavelmente nos próximos dez ou vinte anos, a uma nova epistemologia. Os novos movimentos transfeministas, *queer* e antirracistas, mas também as novas práticas de filiação, de relações amorosas, de identificação de gênero, de desejo, de sexualidade, de nomeação são indícios dessa mutação e das experimentações na fabricação coletiva de uma outra epistemologia do corpo humano vivo.⁷⁶

O corpo vivo, nesse sentido, se encontra em estado de *transmutação* e *transcendência* paradigmática e epistemológica, apostando em um saber não mais disciplinar, mas *transdisciplinar*.⁷⁷ Os sistemas de pensamento contemporâneo estão diante uma escolha histórica potente: ou permanecem perpetuando uma epistemologia ultrapassada da diferença sexual, legitimando o regime patriarco-colonial que as sustentam, mostrando-se assim responsáveis pelas opressões que produzem, ou então se abrem a um exame crítico dos sistemas políticos e discursivos de suas práticas. Aposto-se, nessa perspectiva, em uma construção do conhecimento metamorfoseada, híbrida, situada politicamente em novos constructos epistêmicos que contemplem a pluralidade e a diversidade dos corpos, para além da diferença sexual e dos discursos cisgêneros sustentados pelo capitalismo, colonialismo e patriarcado.⁷⁸

Em primeiro lugar, o regime da diferença sexual que as senhoras e os senhores consideram como universal e quase metafísico, sobre o qual repousa e se articula toda teoria psicanalítica, não é uma realidade empírica, nem uma ordem simbólica fundadora do inconsciente. Não é nada mais que uma epistemologia do ser vivo, uma cartografia anatômica, uma economia política do corpo e uma gestão coletiva das energias reprodutivas. Uma epistemologia que se forja junto com a taxonomia racial no período de expansão mercantil e colonial europeia e se cristaliza na segunda metade do século XIX. Essa epistemologia, longe de ser a representação de uma realidade, é uma máquina performativa que produz e legitima uma ordem política e econômica específica: o patriarcado heterocolonial.⁷⁹

⁷⁵ Em botânica, chama-se rizoma um tipo de caule, geralmente subterrâneo, que se dispõe mais ou menos paralelamente à superfície do solo, e que emite, de espaço a espaço, brotos aéreos foliosos e florísticos, podendo também emitir raízes de seus nós, se alastrando e se propagando em uma velocidade considerável. O rizoma é uma estrutura que possibilita a sobrevivência da planta de uma estação para outra e, em algumas espécies, permite a propagação vegetativa da planta.

⁷⁶ PRECIADO, *Sou o monstro que vos fala*, p. 35.

⁷⁷ "O desenvolvimento anterior das disciplinas científicas, tendo fragmentado e compartimentado mais e mais o campo do saber, demoliu as entidades naturais sobre as quais sempre incidiram as grandes interrogações humanas: o cosmo, a natureza, a vida e, a rigor, o ser humano. As novas ciências, Ecologia, ciências da Terra, Cosmologia, são poli ou transdisciplinares: têm por objeto não um setor ou uma parcela, mas um sistema complexo, que forma um todo organizador." (MORIN, *Educação e complexidade*, p. 26).

⁷⁸ "[...] a epistemologia dominante é, de facto, uma epistemologia contextual que assenta numa dupla diferença: a diferença cultural do mundo moderno cristão ocidental e a diferença política do colonialismo e capitalismo." (SANTOS, *Epistemologias do sul*, p. 10).

⁷⁹ PRECIADO, *Sou o monstro que vos fala*, p. 37.

Essas intervenções epistêmicas denunciam a supressão histórica de saberes, valorizando a resistência dos conhecimentos que buscam estabelecer um diálogo igualitário entre as diferentes formas de saber, se expressando em um ecossistema horizontal do conhecimento, ou seja, uma ecologia de saberes.⁸⁰ Conceber a produção de conhecimento como um sistema complexo e multifacetado, desafia, naturalmente, a supremacia da ciência como a única referência possível para produção de uma verdade, provocando uma subversão epistemológica.

Nos próximos anos, deveremos elaborar coletivamente uma epistemologia capaz de dar conta da multiplicidade radical dos seres vivos, que não reduza o corpo à sua força reprodutiva heterossexual, que não legitime a violência heteropatriarcal e colonial. Vocês são livres para acreditar ou não em mim, mas creiam ao menos nisso: a vida é mutação e multiplicidade. Isso é muito sério e muito importante. Vocês devem compreender que os futuros monstros são também seus filhos e netos.⁸¹

Toda experiência social produz e reproduz conhecimento, pressupondo uma ou várias epistemologias, pois é por via do conhecimento autorizado que uma dada experiência social se torna possível e inteligível, no entanto, diferentes tipos de relações sociais podem dar origem a diferentes epistemologias e quando não legitimadas, são oprimidas e violentadas. Qualquer conhecimento válido, portanto, é sempre contextual, tanto em termos de diferença cultural como em termos de diferença política. As experiências sociais são constituídas por vários conhecimentos, sob diferentes ângulos e perspectivas, cada uma com seus critérios de validade, dentro de parâmetros que lhe são próprios. A produção do saber deve se subverter, assim, de uma lógica discursiva vertical, para uma lógica discursiva horizontal de circulação de uma verdade, pensando numa horizontalidade do saber e validando diferentes expressões ontológicas, teológicas e cosmológicas.

4. Subversão ontológica, teológica e política: Deus é uma travesti negra e indígena

*Os caboclos já chegaram
De braços nus e pés no chão.
Eles trazem remédios bons.
Para curar os cristãos.
[As estrelas, Mestre Irineu]*

A tradição euro-cristã, que permeia a estrutura do conhecimento científico, está intrinsecamente ligada à perpetuação da dominação intelectual através dos dispositivos teórico-pedagógicos, a partir da construção dos conceitos político-coloniais traduzidos no modo de produção de subjetividades, refletindo, implicitamente, um projeto de supremacia étnico-racial. O objetivo subjacente a esse sistema de pensamento é manter uma padronização do que se reconhece como conhecimento legítimo da tradição colonial,

⁸⁰ SANTOS, *Epistemologias do sul*.

⁸¹ PRECIADO, *Sou o monstro que vos fala*, p. 60.

se materializando pela negação das diferenças cosmológicas, ontológicas, teológicas e políticas, eliminando, assim, qualquer diversidade e pluralidade na esfera social e cultural.

Essa hegemonia institui um controle coercitivo sobre a ordem do discurso,⁸² tornando inconcebível questionar os princípios cosmológicos desse sistema, representando uma alienação epistêmica presente neste sistema global de pensamento, incluindo a supremacia racial, social e econômica. Assim, essa hegemonia, tanto epistemológica quanto cosmológica, preserva a manutenção contínua do sistema colonial que está enraizado nos conhecimentos que sustentam o mundo ocidental, perpetuando violências institucionais e simbólicas,⁸³ impactando diretamente nas relações que o sujeito estabelece com sua existência.

A cosmologia, portanto, se expressa na cultura como uma visão de mundo particular, circunscrevendo as condições para uma experiência possível, sendo "como uma lente através da qual o homem vê o mundo".⁸⁴ A partir de uma análise histórica ocidental, é possível observar que a ciência, nesse caso, torna-se uma ordem discursiva hegemônica na determinação de uma cosmologia. No entanto, conforme aponta Boaventura de Sousa Santos, em uma entrevista para a Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPED), em 2019:

[...] a ciência não é o único conhecimento válido, há outros conhecimentos válidos que têm que ser validados por seus próprios méritos. Ou seja, se eu quero ir à Lua, eu preciso do conhecimento científico, se eu quero conhecer a biodiversidade da Amazônia eu tenho que conhecer o conhecimento dos indígenas e das populações ribeirinhas. São elas que conhecem a biodiversidade da Amazônia.⁸⁵

Uma subversão ontológica, teológica e política dentro de um rascunho *queer*, se refere, então, ao resgate dos saberes oprimidos e assassinados ao longo da colonização euro-cristã, contemplando uma ecologia de saberes "onde os conhecimentos produzidos pela Ciência Moderna têm vez, sim, mas não como voz única, nem como voz principal",⁸⁶ legitimando:

[...] os conhecimentos das rezadeiras e benzedeiras, os chás que nossas avós aprenderam com suas avós, as técnicas de pesca e caça dos povos indígenas, seus mitos fundadores, suas cosmovisões e sua cosmopolítica, a ginga dos capoeiristas, as canções de ninar tradicionais, a cultura oral dos vilarejos, as epistemologias afroaromatizadas dos povos de santo do candomblé e da umbanda.⁸⁷

Uma subversão epistemológica só é possível através da reescrita de um texto e sua consequente materialização discursiva em novos circuitos pulsionais,⁸⁸ que possam circular, marcar e incidir por entre as diferentes configurações de expressão dos corpos, gêneros e subjetividades. Os teóricos pós-estruturalistas, por exemplo, nos dizem que a linguagem, o discurso, a palavra e o texto, junto com tudo aquilo que envolve a

⁸² FOUCAULT, *A ordem do discurso*.

⁸³ GOFFMAN, *Manicômios, prisões e conventos*; BOURDIEU, *O poder simbólico*.

⁸⁴ BENEDICT, *O crisântemo e a espada*, p. 67.

⁸⁵ SANTOS, *Conferencista de abertura da 39ª Reunião Nacional da ANPEd*, p. 1.

⁸⁶ CARVALHO, *Os caboclos já chegaram*, p. 175.

⁸⁷ CARVALHO, *Os caboclos já chegaram*, p. 175.

⁸⁸ BERGÈS; BALBO, *Do corpo à letra*.

transmissão da cultura, não são somente um código, mas um modo de existir e ser no mundo. O sujeito é, essencialmente, estruturado pela linguagem.⁸⁹

Nessa perspectiva, abre-se alternativas de produção de conhecimento que consideram a pluralidade cosmológica, ontológica, teológica e política, principalmente no que se refere a construção do gênero em sociedade, pois as configurações de gênero, por exemplo, estão intrinsecamente ligadas às determinações socioculturais. A passagem de uma concepção de "*natureza humana*", para uma dimensão de natureza histórica e socialmente construída se expressa como uma subversão epistêmica.

Antes, gênero e sexualidade eram dados imediatos e intuitivos da expressão do ser, porém, com o passar dos estudos de linguagem e discurso, entendemos que é justamente a partir de um efeito desses símbolos que são introjetados pelo sujeito, que este incorpora uma roupagem. Essa mudança de um paradigma naturalista para um paradigma culturalista, opera um giro e uma subversão ética, epistêmica e ontológica: "ora, se o gênero e a sexualidade não estão na natureza, isso sugere que eles não sejam apenas produto do corpo, mas um artifício que incide sobre o corpo".⁹⁰

Apresentamos os estudos *queer* com o intuito de investigar como a constituição das identidades dentro de uma sociedade é determinada pelos efeitos discursivos instituídos pela estrutura social. O conceito de gênero, por exemplo, emerge como uma expressão epistemológica construída pelo colonizador. No entanto, a presença da transexualidade transcende a concepção dos tempos modernos, tendo seu registro desde as pinturas rupestres até a formulação das mitologias e deidades presentes em diversas culturas e civilizações ao redor do mundo e em diferentes períodos históricos.⁹¹ Isso atesta a existência de corpos transexuais e intersexuais ao longo da história da humanidade. A transexualidade está presente nos mitos religiosos e culturais, se materializando na presença de divindades, semideuses ou *orixás* que personificam a dualidade de gênero em algumas tradições de matrizes africanas, como os povos *iorubás*, por exemplo. É inegável, portanto, a interligação entre o colonizador e as tradições euro-cristãs no processo de colonização do corpo e nas concepções de gênero em sociedade.

O processo de domínio global instigado pelo colonizador, que teve início aproximadamente 2000 anos atrás na Europa e no Oriente Médio, implicou na imposição de normas e padrões corporais. O colonizador estabeleceu, em seu parâmetro cosmológico, a dicotomia "*mulher*" e "*homem*", definindo padrões de comportamento, vestimenta, deveres, posições sociais e um papel ontológico, teológico e político. A religião e a ciência emergem,⁹² nesse contexto, como instituições determinantes de uma

⁸⁹ "O inconsciente é, em seu fundo, estruturado, tramado, encadeado, tecido de linguagem" (LACAN, *Les psychoses*, p. 135).

⁹⁰ FAVERO, *Psicologia suja*, p. 38.

⁹¹ MYKHAILOVA, *Sex as transition between worlds in deer hunting society*.

⁹² Registra-se ao longo da história, inúmeros holocaustos em nome da religião, evidenciando o regime nazista na Segunda Guerra Mundial. Os holocaustos são projetos de dominação global e supressão de qualquer experiência que desafie as normas de comportamento social estabelecidas por parte do colonizador, conforme as tradições euro-cristãs presentes na Bíblia, por exemplo. Os holocaustos são assassinatos simbólicos ou materiais de um grupo de pessoas que não se enquadram na lógica vigente, ou que ousam desafiar a estrutura social subjacente: o holocausto de povos europeus, africanos, indígenas, ciganos, judeus e mulheres. Atualmente, testemunhamos o holocausto das pessoas trans, sendo que o Brasil permanece o país que mais mata transexuais no mundo pelo 14º ano consecutivo de acordo com a última atualização da ONG e da *Transgender Europe*, publicado em novembro de 2021. Esse holocausto é um projeto que se

cosmologia imperativa, determinando, em sua natureza, uma experiência maniqueísta da representação humana, ou seja, a expressão da existência através da díade bem e mal, não permitindo contradições de pensamento.

É importante destacar que o território brasileiro foi invadido em meados de 1500 por homens, cisgêneros, brancos, heterossexuais, burgueses, europeus e cristãos, que determinaram uma cosmovisão, ou seja, impuseram violentamente suas crenças, em detrimento das vidas e da diversidade dos povos originários que habitavam essas terras. As marcas contemporâneas da colonização são imperativos que tentam, a todo custo, aniquilar as subjetividades e as expressões de gênero. No entanto, ao resgatarmos as histórias negligenciadas, ignoradas, demonizadas, criminalizadas e patologizadas ao longo dos séculos, contemplamos povos latino-americanos, africanos e indianos que desafiavam as concepções modernas de gênero,⁹³ pois evidenciam que a expressão da transgeneridade é datada desde antes da chegada dos colonizadores, demonstrando que a lógica binária é uma construção social.

A criação das categorias de raça e de sexo biológico expressa, portanto, o imperativo discursivo e epistemológico dos ideais da colonização, do cristianismo e do capitalismo, forças que produziram (e ainda produzem) apagamentos de modos de vida e cosmopercepções originárias, as quais eram (e são) desviantes da norma colonial em diversos sentidos, inclusive, no que diz respeito ao gênero, pois ninguém nasce com um entendimento inato de uma representação dicotômica de "homem" ou "mulher".

Rousseau refere-se a esse fenômeno como o "*contrato social*",⁹⁴ ou seja, um acordo tácito universal que não requer explicação e ao qual todos aderem implicitamente. Esse contrato social nada mais é do que as normas estabelecidas pelo colonizador, definindo com precisão os atributos de um corpo feminino e masculino, bem como os comportamentos, vestimentas e papéis sociais associados a eles. As subjetividades que não assinam ao contrato social são concebidas como transgressoras de gênero, internalizando profundamente um processo violento de marginalização e exclusão social.

A lógica binária de gênero, portanto, se estruturou sobre a classificação dos corpos considerando exclusivamente a expressão biológica e anatômica do organismo em uma noção orgânica, classificando os indivíduos em homens (pessoas possuidoras de pênis) ou mulheres (pessoas não possuidoras de pênis e possuidoras de vulvas). Assim, gênero se torna uma categoria normativa criada através das diferenças anatômicas, desconsiderando uma infinidade de fatores que influenciam na corporalidade e na subjetividade. A narrativa de gênero é uma narrativa inventada em um dado período histórico e em uma dada localização geográfica, com o propósito de dominação e exploração dos corpos em uma perspectiva necrobiopolítica.

perpetua ao longo da história do Brasil, uma vez que carrega resíduos ideológicos eugenistas, acolhendo, por exemplo, inúmeros refugiados políticos nazistas do mundo. Pedro II, por exemplo, possuía ideais eugenistas; Josef Mengele (médico que conduziu "experimentos" desumanos e fatais em prisioneiros em Auschwitz) residiu em São Paulo. O Estado brasileiro, portanto, foi moldado pela eugenia e pelo *darwinismo* social, levando-nos a enfrentar a estrutura social da presença onipresente da transfobia e do racismo. Com o fim da 2ª guerra mundial, e o mundo entranhado com o *darwinismo* social, sob o controle do colonizador, constrói-se o DSM, nascendo nesse contexto com o objetivo de exercer um poder legal global pelo qual o holocausto do colonizador pudesse ser perpetuado, com a autorização legítima do racionalismo moderno científico.

⁹³ *Berdaches, Cudinas, Buxes, Hijras, Tybyra, Aredu Imedu.*

⁹⁴ ROUSSEAU, *O contrato social*.

As categorias de gênero são construções de dominação e hierarquização naturalizadas a partir do projeto colonizador. No entanto, os corpos humanos são plurais e diversos e não existem a partir das definições humanas limitadas e das hierarquizações instituídas ao longo da história. Essa narrativa ideológica e colonialista, corresponde, portanto, a um projeto de dominação e exploração, configurando a normatização dos corpos e não respeitando a pluralidade da expressão e da diversidade humana.

Portanto, a possibilidade de subverter os elementos ontológicos, teológicos e epistemológicos se torna um ato político, resgatando os saberes ancestrais assassinados ao longo da história, a partir de uma sensibilidade e: "coragem de nos abirmos para a possibilidade de sermos afetado pelo outro – um outro que tanto é radicalmente distinto em sua constituição sociobioepistemológica, como também é conosco irmanado por um parentesco ancestral",⁹⁵ para, enfim, realizar uma "coparticipação em interdependência na teia multicêntrica dos viventes".⁹⁶ Isso nos indica a possibilidade de uma subversão cosmológica no que se refere aos rascunhos de uma epistemologia *queer*, por exemplo, contemplando o debate sobre a transexualidade, nesse escrito, pois: "Esquecemos que 'sexo' e 'gênero' são metáforas nossas, agudamente atravessadas por relações de poder e moralidade".⁹⁷

A modernidade nos apresenta novas configurações de gênero, desafiando as epistemologias tradicionais que se perpetuam a partir de uma lógica patriarcal e colonialista, ou seja, de uma lógica falocêntrica que posiciona a figura do homem cis branco no centro de todo o poder hierárquico. No entanto, questiona-se, a partir da filósofa búlgara-francesa, Julia Kristeva: "Até quando, de fato, a procriação da espécie exigirá um homem e uma mulher?".⁹⁸ Com essa subversão paradigmática, outras formas de expressão de gênero entram em cena, desafiando o regime da diferença sexual binária.

[...] tal como o feminismo, a teoria *queer* efetua uma verdadeira reviravolta epistemológica. A teoria *queer* quer nos fazer pensar *queer* (homossexual, mas também "diferente") e não *straight* (heterossexual, mas também "quadrado"): ela nos obriga a considerar o impensável, o que é proibido pensar, em vez de simplesmente considerar o pensável, o que é permitido pensar. (...) O *queer* se torna, assim, uma atitude epistemológica que não se restringe à identidade e ao conhecimento sexuais, mas que se estende para o conhecimento e a identidade de modo geral. Pensar *queer* significa questionar, problematizar, contestar, todas as formas bem-comportadas de conhecimento e de identidade. **A epistemologia *queer* é, neste sentido, perversa, subversiva, impertinente, irreverente, profana, desrespeitosa.**⁹⁹

Kristeva¹⁰⁰, apoiada na perspectiva de alguns pós-psicanalistas estruturalistas, nos mostra que a autoridade patriarcal está entrando em colapso, uma vez que a humanidade está vivenciando os efeitos do colapso da autoridade paterna nas relações sociais, sustentada há muitos séculos pelos discursos impositivos falocêntricos. A partir do declínio do pai, observamos gradativamente a queda do sistema patriarcal e colonialista, emergindo, assim, novas abordagens epistêmicas, contemplando diferentes

⁹⁵ CARVALHO, *Os caboclos já chegaram*, p. 186.

⁹⁶ CARVALHO, *Os caboclos já chegaram*, p. 186.

⁹⁷ FAVERO, *Psicologia suja*, p. 43.

⁹⁸ KRISTEVA, *This incredible need to believe*, p. 58.

⁹⁹ SILVA, *Documentos de identidade*, p. 107, grifo nosso.

¹⁰⁰ KRISTEVA, *This incredible need to believe*.

cenários culturais, e ameaçando as estruturas e as normas fixas de gênero, sexualidade e religião, por exemplo.

O início do terceiro milênio, com o colapso da autoridade paterna e política e o retorno maciço da necessidade de acreditar, nos dá um vislumbre de algo mais: o pai morto, que condiciona a existência do *homo religiosus*, morreu na cruz há dois mil anos, mas a promessa de sua ressurreição não deve ser buscada nem no além nem no mundo vil. Onde, então?¹⁰¹

Por meio desse conflito da lei paterna, vemos a aniquilação de uma autoridade divina patriarcal, emergindo a proposta de um novo humanismo, com a presença da subjetividade na presentificação divina, a partir de "um discurso interpretativo, crítico e teórico que acompanhe os avanços das ciências humanas e sociais e tenha a capacidade de envolver a própria subjetividade do intérprete".¹⁰² O novo humanismo, desse modo, nos leva a construção de uma divindade particular, ou seja, um deus particular que rege o destino do sujeito, traduzindo desde o início sua participação intrínseca entre o divino e o humano, como uma "espécie de inspiração divina".¹⁰³

Kristeva aponta esse encontro (entre esse humano e seu deus) como uma construção singular específica, denotando uma experiência particular e vista desde o início como uma espécie de copresença do ser humano e do divino. No entanto, essa inspiração divina só pode ocorrer por meio dos riscos que cada pessoa é capaz de correr ao questionar sua maneira de pensar seu tempo e toda a sua identidade (sexual, nacional, étnica, profissional, religiosa, filosófica e assim por diante) que seu repertório subjetivo abriga desde o início de sua constituição.

Kristeva nos mostra, portanto, que acreditar em algo é o que sustenta nossa existência, considerando que a crença fornece os elementos para abraçarmos e nos conectarmos com nossa realidade, entendendo que o sistema de linguagem nos conecta de maneira muito íntima e profunda com a percepção que temos da existência, determinando nossa cosmopercepção. A realidade, portanto, nada mais é do que a soma de nossas crenças. Essa é uma verdade construída a partir de critérios nomotéticos correspondentes a cada cultura.

De que tipo de verdade estamos falando? Não é um tipo que possa ser demonstrado logicamente, que possa ser provado cientificamente, que possa ser calculado. Trata-se de uma verdade "na qual tropeçamos", à qual não posso deixar de aderir, que me subjugava total e fatalmente, que considero vital e absoluta, indiscutível: *credo quia absurdum*. **Uma verdade que me mantém, que me faz existir.** Em vez de ser uma ideia, uma coisa, uma situação, poderia ser uma **experiência**?¹⁰⁴

Nessa perspectiva, aponta-se uma subversão ontológica, teológica e política, afirmando que Deus não é uma divindade exclusivamente euro-cristã, que carrega resíduos ideológicos eugenistas naturalizados pelo discurso do patriarcado e do colonialismo. Deus, então, nesse estudo, se apresenta enquanto uma travesti negra e indígena, se materializando como uma deidade que enaltece a expressão transgênero e os saberes ancestrais. Essa subversão, tal como o heliocentrismo, rompe com uma

¹⁰¹ KRISTEVA, *This incredible need to believe*, p. 80.

¹⁰² KRISTEVA, *This incredible need to believe*, p. 45.

¹⁰³ KRISTEVA, *This incredible need to believe*, p. 45.

¹⁰⁴ KRISTEVA, *This incredible need to believe*, p. 45.

tradição milenar falocêntrica oriunda do sistema patriarco-colonialista e abre possibilidades de encarar a divindade sob outros formatos, figuras e dimensões cosmológicas, conectando com um divino que não é determinado por um discurso hegemônico prévio, mas que se constrói na diversidade e pluralidade mística e teológica.

"Hoje sou benzedeira porque virei travesti, e antes fui sodomita porque sabia prever o futuro. Transmutei de flor para terra, e dobrei o Tempo colonial que nunca me fez sua. Meu pensamento é uma dobra contraditória que afirma: travestilidade é transmutação."¹⁰⁵ Construir uma divindade travesti, negra e indígena é um manifesto de resistência ao sistema patriarco-colonialista, apontando para uma produção de conhecimento descentralizada de uma teologia euro-cristã, que reivindica a legitimação de um saber e de uma verdade no mundo, demarcando uma territorialização para o direito de existir, resistir e insistir. Deus enquanto uma divindade travesti negra e indígena é uma expressão da pluralidade religiosa, racial e mística dentro do território brasileiro.

5. Conclusão

O artigo apresenta uma discussão profunda e desafiadora sobre a gênese da produção de conhecimento e o impacto na construção das verdades e saberes sobre os corpos, gêneros e subjetividades, destacando a necessidade de superar a hegemonia do discurso científico positivista em favor de uma abordagem ético-política que se alinhe com movimentos decoloniais e epistemologias do sul global. A proposta de uma epistemologia *queer*, nesse contexto, busca valorizar os saberes subversivos e marginais, enquanto uma resposta significativa aos paradigmas lógico-positivistas e biomédicos que há muito tempo moldaram as condições e os parâmetros da produção do conhecimento.

A subversão ontológica e teológica, que reconceitualiza Deus como uma travesti negra e indígena ilustra a busca por uma pluralidade mística e teológica em território brasileiro, redesenhando as relações de poder que constituem a produção de verdades e saberes. Além disso, a redefinição de Deus desafia as visões tradicionais e hegemônicas da divindade, destacando o potencial transformador do conhecimento decolonial e das epistemologias do sul global. O artigo destaca a necessidade de um diálogo aberto e respeitoso para avançar nessa subversão ontológica, teológica e política, promovendo a inclusão de diversas perspectivas e cosmovisões na construção do conhecimento, demonstrando, em última análise, a importância de se questionar as abordagens epistêmicas hegemônicas, para se aproximar de uma sociedade mais inclusiva e diversa, que celebre a pluralidade e reconheça as vozes marginalizadas.

Problematiza-se, enfim, de que forma podemos encontrar novas alternativas epistemológicas, que não levem em consideração um saber hegemônico e centrado nas mãos daqueles que possuem o poder de subjugar os parâmetros do que é válido ou não. É possível, portanto, encontrar essas alternativas discursivas e de linguagem, permitindo que o sujeito possa se identificar e se colar com os significantes à sua maneira, priorizando a pluralidade e diversidade de modos de ser no mundo e de expressões do corpo e da subjetividade, destacando o lugar do afeto nos processos de subjetivação.

¹⁰⁵ BRASILEIRO, *Ancestralidade sodomita, espiritualidade travesti*, p. 40.

Referências

- ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. *Dialética do Esclarecimento*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Edition, 1985.
- ADORNO, Theodor. *Dialética negativa*. Trad. Marcos Antonio Casanova. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2009.
- ADORNO, Theodor. *Educação e Emancipação*. São Paulo: Paz e Terra. 1995. Original publicado em 1947.
- ADORNO, Theodor. *Introdução à Controvérsia do Positivismo na Sociologia Alemã*. In: LOPARIC, Z. et al. Os Pensadores XLVIII. São Paulo: Abril Cultural, 1980. pp. 109-191.
- ALTHUSSER, Louis. *Aparelhos ideológicos do estado: nota sobre aparelhos ideológicos do estado*. Rio de Janeiro: Graal, 1985.
- AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. *Manual de Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais* (DSM - Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders). Artmed: Porto Alegre. 2014.
- BARRA, Alex Santos Bandeira. Teoria Crítica e a Crítica ao Positivismo. *Fragmentos de Cultura*, Goiânia, v. 18, n. 5/6, pp. 447-460, maio/jun. 2008. Disponível em: <https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/fragmentos/article/view/623/492>. Acesso em: 29 out. 2023.
- BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1960.
- BENEDICT, Ruth. *O Crisântemo e a Espada*. São Paulo: Perspectiva, 1972.
- BENJAMIN, Walter. *Passagens*. Belo Horizonte: UFMG, 2006.
- BERGÈS, Jean; BALBO, Gabriel. Do corpo à letra (palestra proferida em Poitiers, 1994). Trad. A. Vorcaro. *La Psychanalyse de l'Enfant*, Paris, v. 20, pp. 181-208, 1996.
- BOURDIEU, Pierre. *Economia das trocas simbólicas*. Rio de Janeiro: Perspectiva, 1992.
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.
- BRASIL, Conselho Federal de Psicologia (CFP). *Resolução do Conselho Federal de Psicologia (CFP) nº 01/2018*. 2018.
- BRASILEIRO, Castiel Vitorino. Ancestralidade sodomita, espiritualidade travesti. *Piseagrama*, Belo Horizonte, n. 14, pp. 40-47, jul. 2020. Disponível em: <https://piseagrama.org/artigos/ancestralidade-sodomita-espiritualidade-travesti/>. Acesso em: 29 out. 2023.
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. 11. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2016.
- CANGUILHEM, Georges. *Le normal et le pathologique*. 5. ed. Paris: Quadrige/PUF, 1984.

CARVALHO, Andre Luis de Lima. Os caboclos já chegaram: por uma escuta multiespécies das vozes do antropoceno. *Politeia, História e Sociedade*, Vitória da Conquista, v. 20, n. 1, pp. 170-191, jan.-jun. 2021. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/politeia/article/view/8947>. Acesso em: 29 out. 2023.

DUNKER, Christian; SAFATLE, Vladimir; SILVA JÚNIOR, Nelson (org.). *Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico*. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

FANON, Frantz. *Os Condenados da Terra*. Juiz de Fora: UFJF, 2005.

FAVERO, Sofia. *Psicologia Suja*. Salvador: Devires, 2022.

FEYERABEND, Paul Karl. *Contra o método*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1989.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Trad. Luís Felipe Baeta Neves. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do Discurso*. 12. ed. São Paulo: Loyola, 2005.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. 24. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2007.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: O nascimento da prisão*. Rio de Janeiro: Vozes, 2004.

FREUD, Sigmund. *Conferências introdutórias sobre psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, 16)

FREUD, Sigmund. *Totem e Tabu*. Rio de Janeiro: Imago, 1990. (Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, 13)

GOFFMAN, Erving. *Manicômios, prisões e conventos*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1987.

GONZALEZ, Lélia. *Por um Feminismo Afro-Latino-Americano: Ensaios, Intervenções e Diálogos*. Rio Janeiro: Zahar, 2020.

GRAMSCI, Antonio. *Escritos políticos*, v. 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2004.

HABERMAS, Jürgen. *O discurso filosófico da modernidade*. Trad. Luiz Sérgio Repa e Rodnei Nascimento. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

HORKHEIMER, Max. *Eclipse da razão*. São Paulo: Centauro, 2000. Original publicado em 1947.

HORKHEIMER, Max. Teoria tradicional e teoria crítica. In: CIVITA, Victor (org). *Benjamin, Horkheimer, Adorno, Habermas*. São Paulo: Abril, 1975. (Os Pensadores). pp. 05-49.

IANNI, Octavio. *Sociologia da sociologia*. São Paulo: Ática, 1987.

KANT, Immanuel. *Crítica da razão pura*. São Paulo: Abril Cultural, 1980. (Os Pensadores)

KRISTEVA, Julia. *This Incredible Need to Believe*. New York: Columbia University, 2009.

LACAN, Jacques. O eu e o outro. In: MILLER, J. A. *O Seminário, Livro 1: os escritos técnicos de Freud*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1979. pp. 50-65.

LACAN, Jacques. *O Seminário, Livro 3: As psicoses*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

LE BRETON, David. *A Sociologia do Corpo*. Petrópolis: Vozes, 2006.

MBEMBE, Achille. *Necropolítica*. 3. ed. São Paulo: n-1 edições, 2018.

MORIN, Edgar. *Educação e complexidade: os sete saberes e outros ensaios*. Cortez, 2007.

MYKHAILOVA, Natalia. Sex as transition between worlds in deer hunting society (mythology and rock art). *Expression, Sexual imagens in prehistoric and tribal art*, n. 15, pp. 58-68, mar. 2017. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/336312277_sex_as_transition_between_worlds_in_deer_hunting_society_mythology_and_rock_art. Acesso em: 29 out. 2023.

NIETZSCHE, Friedrich W. *A gaia ciência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

NIETZSCHE, Friedrich W. *Genealogia da moral: uma polêmica*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

PRECIADO, Paul B. *Eu sou o monstro que vos fala: relatório para uma academia de psicanalistas*. Portuguese Edition. Paris: Zahar, 2022. E-book.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (org.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina: [s.n.], set. 2005. pp. 107-130. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2591382/mod_resource/content/1/colonialidade_do_saber_eurocentrismo_ciencias_sociais.pdf. Acesso em: 29 out. 2023.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. O contrato social. In: ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Oeuvres complètes, tome III*. Paris: Gallimard, 1757. (Collection Pléiade). pp. 680-756.

SANTOS, Boaventura S. *A Gramática do Tempo*. Porto: Afrontamento, 2006.

SANTOS, Boaventura S. Entrevista com Boaventura de Sousa Santos, conferencista de abertura da 39ª Reunião Nacional da ANPEd. [Entrevista cedida a ANPEd]. Rio de Janeiro. Quatorze de Outubro de 2019. Disponível em: <https://www.anped.org.br/news/entrevista-com-boaventura-de-sousa-santos-conferencista-de-abertura-da-39a-reuniao-nacional-da>. Acesso em: 5 jan. 2024.

SANTOS, Boaventura. S.; MENESES, Maria. P. (org.). *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez, 2010.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

SOBRE O AUTOR

Guilherme Almeida de Lima

Professor no Centro Universitário Campo Real e na Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO). Membro do conselho editorial da Revista CadernoS de PsicologiaS do CRP (8ª Região). Realizou mestrado sanduíche na Áustria (Katholische Privat-Universität Linz). *E-mail:* guialmeidadelima@gmail.com.